

reencontro com o passado

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

Para Laura Reeth, Mestre dos detalhes.

Elizabeth

*A barbela na seta do sofrimento infantil é esta:
A sua intensa solidão; a sua intensa ignorância.*

— OLIVE SCHREINER

CAPÍTULO 1

Junho de 2000

A BREVE REBELDIA ADOLESCENTE DE Elizabeth Fitch começou com *L'Oreal Pure Black*, uma tesoura e um documento de identificação falso. Terminou em sangue.

Durante a maior parte dos seus dezasseis anos, oito meses e vinte e um dias, ela tinha seguido obedientemente as diretivas da mãe. A Dra. Susan L. Fitch emitia diretivas, não ordens. Elizabeth tinha aderido aos horários que a mãe criara, comia as refeições planeadas pela nutricionista da mãe e preparadas pela cozinheira da mãe e usava as roupas selecionadas pela consultora de imagem da mãe.

A Dra. Susan L. Fitch vestia-se de modo conservador, como exigia — na sua opinião — a sua posição de chefe de cirurgia do Silva Memorial Hospital de Chicago. Ela esperava que a filha fizesse o mesmo e instruí-a para tal.

Elizabeth estudava diligentemente, aceitando e distinguindo-se nos programas académicos que a mãe delineava. No outono regressaria a Harvard para se licenciar em Medicina, para se tornar médica, como a mãe — uma cirurgiã, como a mãe.

Elizabeth — nunca Liz, ou Lizzie, ou Beth — falava fluentemente espanhol, francês e italiano, razoavelmente russo e tinha umas noções de japonês. Tocava piano e violino. Tinha viajado até à Europa e até África. Era capaz de enumerar todos os ossos, nervos e músculos do corpo

humano e tocar o Concerto para Piano de Chopin — os números 1 e 2, de cor.

Nunca tinha tido um encontro romântico, nem beijado um rapaz. Nunca tinha deambulado pelo centro comercial com um grupo de miúdas, ido a uma festa de pijama ou estado na risota com amigas e a comer pizzas e gelados.

Ela era, aos dezasseis anos, oito meses e vinte e um dias, um produto dos meticulosos e detalhados planos da mãe.

Isso estava prestes a mudar.

Elizabeth estava a ver a mãe fazer as malas. Com o cabelo castanho-escuro já apanhado no seu coque de marca, Susan pendurou com esmero mais um fato no organizado saco para fatos e de seguida verificou a tabela com cada dia da semana da conferência médica dividido em subgrupos. A tabela listava cada um dos eventos, compromissos, reuniões e refeições, e correspondente roupa, sapatos, malas e acessórios.

Fatos de marca; sapatos italianos, obviamente, pensou Elizabeth. Uma pessoa deve usar bons cortes, bons tecidos. Mas nenhuma cor forte, ou viva, no meio dos pretos, cinzentos e castanhos. Ela perguntava-se como era possível a mãe ser tão bela e usar deliberadamente cores insípidas.

Depois de dois acelerados semestres de faculdade, Elizabeth achava que tinha começado, quem sabe, a desenvolver o seu próprio sentido de moda. De facto, tinha comprado umas calças de ganga, uma sweatshirt com capuz e umas botas de saltos plataforma em Cambridge. Com dinheiro vivo, para o débito não aparecer no extrato do cartão de crédito, na eventualidade de a mãe ou o contabilista verificarem e questionarem os itens, que estavam naquele momento escondidos no seu quarto.

Sentira-se uma pessoa diferente quando os vestira; tão diferente que tinha ido imediatamente a um McDonald's e pedido o seu primeiro *Big Mac* com um pacote grande de batatas fritas e um batido de chocolate.

O prazer tinha sido tão gigantesco que ela sentira necessidade de se fechar num dos cubículos da casa de banho para chorar um pouco.

Ela estava convencida de que as sementes da rebeldia haviam sido plantadas nesse dia, ou talvez sempre tivessem existido em estado latente e a gordura e o sal as tivessem despertado.

Mas ela conseguia agora senti-las, realmente, a germinarem dentro da sua barriga.

— Os teus planos mudaram, mãe. Mas isso não significa que os meus tenham de mudar em concordância.

Susan colocou meticulosamente um saco de sapatos na mala de viagem, encaixando-o com as belas e hábeis mãos de cirurgiã, as unhas perfeitamente cuidadas. Manicure francesa, como sempre — também aí, total ausência de cor.

— Elizabeth. — A sua voz era tão polida e suave como o guarda-roupa. — Foi preciso um esforço considerável para conseguir remarcar e conseguir-te inscrição no programa de verão neste semestre. Vais completar os requisitos para a admissão na Escola de Medicina de Harvard um semestre antes do previsto.

Só a ideia causava um nó no estômago de Elizabeth. — Prometes-te-me uma pausa de três semanas, incluindo esta próxima semana em Nova Iorque.

— E por vezes as promessas não podem ser cumpridas. Se eu não tivesse esta semana de folga, não poderia substituir o Dr. Dusecki na conferência.

— Podias ter recusado.

— Isso teria sido egoísta e insensato. — Susan alisou o casaco que tinha pendurado, recuou e verificou a lista. — Decerto és suficientemente madura para entender que as exigências do trabalho se sobrepõem ao prazer e ao lazer.

— Se sou suficientemente madura para entender isso, porque é que não sou suficientemente madura para tomar as minhas próprias decisões? Quero esta folga. Preciso dela.

Susan mal dirigiu um olhar à filha. — Uma menina da tua idade, condição física e perspicácia mental, não precisa de uma folga dos seus estudos e atividades. Para além disso, a Sra. Laine já saiu para o cruzeiro de duas semanas e eu não podia propriamente pedir-lhe que adiasse as férias. Não há ninguém para te preparar as refeições, nem cuidar da casa.

— Eu posso preparar as minhas refeições e cuidar da casa.

— Elizabeth. — O tom conseguiui ser simultaneamente abrupto e tolerante. — Está decidido.

— E a minha opinião não conta? E quando é que eu vou desenvolver a minha independência, o meu sentido de responsabilidade?

— A independência vem por etapas, bem como a responsabilidade e a liberdade de escolha. Ainda precisas de orientação. Bem, enviei-te por email um horário atualizado da próxima semana e o pacote com toda a informação sobre o programa está na tua escrivantina. Não te esqueças de agradecer pessoalmente ao Dr. Frisko por te ter conseguido vaga no período de verão.

Enquanto falava, Susan fechou o saco da roupa e a pequena mala de viagem. Aproximou-se da cómoda para verificar o cabelo e o batom.

— Não escutas nada do que eu digo.

Ao espelho, Susan olhou para a filha. A primeira vez que a mãe se tinha dado ao trabalho de olhar para si desde que entrara no quarto, pensou Elizabeth. — Claro que oiço. Ouvi tudo o que disseste, muito nitidamente.

— Escutar é diferente de ouvir.

— Pode ser verdade, Elizabeth, mas já tivemos esta discussão.

— Isto não é uma discussão, é um decreto.

A boca de Susan contraiu brevemente, o único sinal de aborrecimento. Quando se virou, os olhos eram frios e serenamente azuis. — Lamento que sintas dessa forma. Enquanto tua mãe, tenho de fazer o que penso ser melhor para ti.

— O melhor para mim, na tua opinião, é fazer, ser, dizer, pensar, agir, querer e tornar-me exatamente o que decidiste para mim antes de te teres inseminado com esperma meticulosamente selecionado. — Elizabeth ouviu a exaltação na própria voz, mas não conseguiu controlá-la; sentiu o quente ardor das lágrimas nos olhos, mas não conseguiu evitá-las. — Estou farta de ser a tua experiência. Estou farta de ter cada minuto de cada dia organizado, orquestrado e coreografado para corresponder às tuas expectativas. Quero fazer as minhas próprias escolhas, comprar a minha própria roupa, ler livros que me apetece ler. Quero viver a minha vida em vez da tua!

As sobrancelhas de Susan ergueram-se numa expressão de vago interesse. — Ora. A tua atitude não me surpreende, dada a tua idade, mas escolheste uma altura muito inconveniente para seres desafiadora e argumentativa.

— Desculpa. Não estava no programa.

— O sarcasmo é tão típico, mas não fica bem. — Susan abriu a pasta e verificou o conteúdo. — Falaremos sobre tudo isto quando eu regressar. Vou marcar uma consulta com o Dr. Bristoe.

— Eu não preciso de terapia! Preciso de uma mãe que me escute, que não se esteja a lixar para o que eu sinto!

— Esse tipo de linguagem só mostra falta de maturidade e de intelecto.

Enfurecida, Elizabeth levantou as mãos e começou a andar em círculos. Se não conseguia ser calma e racional como a mãe, então seria destravada. — Lixar! Lixar! Lixar!

— E a repetição não melhora nada. Tens o resto do fim de semana para refletires sobre o teu comportamento. As tuas refeições estão no frigorífico, ou no congelador, e estão etiquetadas. A lista do que deves colocar na mala está em cima da escrivaninha. Apresenta-te na universidade às oito da manhã de segunda-feira, no gabinete da Dra. Vee. A tua participação neste programa vai garantir o teu lugar na Escola de Medicina de Harvard no próximo outono. Agora leva o meu saco da roupa lá para baixo, por favor. O meu carro deve estar a chegar.

Oh, as tais sementes estavam a germinar, a romper aquele terreno bravio e a lutarem para emergir à superfície. Pela primeira vez na vida, Elizabeth olhou diretamente nos olhos da mãe e disse: — Não.

Depois virou costas, retirou-se a passos largos e bateu com a porta do seu quarto. Atirou-se para cima da cama e fitou o teto com olhos turvos de lágrimas. E esperou.

A qualquer instante, disse para si mesma. A mãe ia entrar a qualquer instante, exigir um pedido de desculpas e exigir obediência. E Elizabeth não daria nem uma nem outra.

Seguir-se-ia uma briga, uma briga a sério, com ameaças de castigo e consequências. Talvez gritassem uma com a outra. Talvez, se gritassem, a mãe a escutasse finalmente.

E, se gritassem, talvez ela pudesse dizer todas as coisas que tinham aflorado dentro dela no último ano. Coisas que agora pensava que sempre haviam estado dentro de si.

Elizabeth não queria ser médica. Não queria passar a vida a obedecer a horários, nem a esconder um estúpido par de calças de ganga porque não se encaixava nas regras de vestuário da mãe.

Ela queria ter amigos, não encontros de socialização aprovados. Queria ouvir a música que as meninas da sua idade ouviam. Queria saber sobre o que segredavam, riam e conversavam enquanto ela estava excluída.

Ela não queria ser um gênio, nem um prodígio.

Ela queria ser normal. Ela só queria ser como toda a gente.

Elizabeth limpou as lágrimas, encolheu-se e olhou fixamente para a porta.

A qualquer instante, pensou ela outra vez. A qualquer instante. A mãe tinha de estar zangada. Tinha de entrar ali para impor a sua autoridade. Tinha de o fazer.

— Por favor — murmurou Elizabeth quando os segundos se transformaram em minutos. — Não me obrigues outra vez a ceder. Por favor, por favor, não me obrigues a desistir.

Ama-me o suficiente. Só desta vez.

Mas, como os minutos se arrastavam, Elizabeth levantou-se da cama. Ela sabia que a paciência era a maior arma da mãe. A paciência e a inflexível convicção de que estava sempre certa derrubavam todos os inimigos. E com certeza a filha não era para ela.

Sentindo-se derrotada, Elizabeth saiu do quarto e dirigiu-se para o da mãe.

O saco dos fatos, a pasta e a pequena mala de viagem com rodinhas tinham desaparecido. Desceu as escadas com a certeza de que a mãe também tinha.

— Ela deixou-me. Ela foi-se simplesmente embora.

Sozinha, olhou para a bonita e arrumada sala de estar. Tudo perfeito: os tecidos, as cores, a arte, a disposição. As antiguidades estavam há gerações na família Fitch. Tudo discretamente elegante.

Vazio.

Nada tinha mudado, constatou. E nada mudaria.

— Então mudo eu.

Elizabeth não se permitiu pensar, questionar a ideia. Em vez disso, voltou rapidamente para o andar superior e foi buscar a tesoura à sua área de estudo.

Na sua casa de banho, examinou o rosto ao espelho — a tez veio do lado do pai — o cabelo castanho-avermelhado, espesso, era como o da mãe mas sem o suave e bonito ondulado. Proeminentes maçãs-do-rostos e — quem quer que ele fosse — os profundos olhos verdes do pai, a pele clara e a boca larga.

Fisicamente atraente, pensou ela, por causa do ADN e porque a mãe não toleraria menos que isso. Mas não era linda, não era deslum-

brante como Susan. E ela calculava que essa fosse uma frustração que nem a mãe conseguia resolver.

— Aberração. — Elizabeth encostou uma mão ao espelho, odiando o que estava a ver no reflexo. — És uma aberração. Mas a partir de hoje, não serás mais covarde.

Respirou fundo, agarrou numa mecha do cabelo que lhe chegava aos ombros e cortou-a.

A cada tesourada, sentia-se mais forte. Era o seu cabelo, a sua escolha. Deixou os pedaços cortados caírem no chão. Enquanto cortava, formou-se na sua mente uma imagem. De olhos semicerrados, cabeça inclinada, abrandou a velocidade do corte. Na verdade, tratava-se apenas de geometria e de física, decidiu. Ação e reação.

O peso — físico e metafórico — desapareceu simplesmente. E a menina no espelho parecia-lhe mais leve. Os olhos pareciam maiores, o rosto não tão magro, não tão abatido.

Parecia... nova, decidiu Elizabeth.

Com cuidado, pousou a tesoura e, ao aperceber-se de que a sua respiração estava ofegante, tentou conscientemente desacelerá-la.

Tão curto. Levou uma mão ao pescoço exposto, às orelhas e de seguida passou-a pela franja que tinha acabado de cortar. Certinha demais, decidiu. Foi buscar uma tesoura de manicure e experimentou o jeito para o estilo.

Nada mal. Não estava verdadeiramente bom, admitiu, mas diferente. Era essa a intenção. Ela não só parecia como se sentia diferente.

Mas não estava concluído.

Deixando os cabelos caídos no chão, entrou no seu quarto e vestiu a sua roupa secreta. Precisava de produto, era assim que lhe chamavam as raparigas. Produto para cabelo. E maquilhagem. E mais roupa.

Precisava de um centro comercial.

Empolgadíssima, entrou no escritório da mãe e pegou nas chaves sobresselentes do carro. E o seu coração martelava de entusiasmo enquanto corria para a garagem. Sentou-se ao volante e fechou os olhos por um instante.

— Cá vamos nós — disse baixinho. Abriu o portão da garagem com o comando e saiu de marcha atrás.

FUROU AS ORELHAS. Parecia-lhe um passo ousado, embora ligeiramente doloroso, e combinava com a cor da tinta para cabelo que tinha tirado da prateleira após um longo e cuidadoso estudo e debate. Comprou cera para cabelo, já que tinha visto uma das raparigas do colégio usá-la e pensava conseguir imitar o *look*. Mais ou menos.

Gastou duzentos dólares em maquilhagem porque não tinha a certeza do que seria o correto.

Depois teve de se sentar porque sentia os joelhos a tremer. Mas ainda não estava pronta, lembrou a si mesma ao ver os bandos de adolescentes, os grupos de mulheres e as famílias que deambulavam por ali. Precisava de voltar a concentrar-se.

Precisava de roupa, mas não tinha um plano, uma lista, um objetivo. Comprar por impulso era estimulante e extenuante. O entusiasmo que a tinha levado até ali deixara-a com uma incómoda dor de cabeça e os lóbulos das orelhas latejavam ligeiramente.

A coisa lógica e razoável a fazer era ir para casa e deitar-se um pouco. Depois planearia, faria a tal lista dos itens a comprar.

Mas essa era a velha Elizabeth. Esta ia simplesmente recuperar o fôlego.

O problema que tinha agora de enfrentar era o de não ter absoluta certeza a que loja, ou lojas, ir. Havia tantas e as montras estavam todas cheias de coisas. Ia ter de vaguear um pouco e prestar atenção às raparigas da sua idade. Iria onde elas fossem.

Pegou nos sacos, levantou-se e esbarrou em alguém.

— Desculpe — começou ela, mas depois reconheceu a rapariga. — Oh. Julie.

— Sim. — A loura do cabelo liso perfeito e olhos cor-de-chocolate olhou perplexamente para Elizabeth. — Eu conheço-te?

— Provavelmente não. Andámos na mesma escola. Dei-te algumas aulas supervisionadas de espanhol. Elizabeth Fitch.

— Claro, Elizabeth. A perita. — Julie semicerrou os olhos taciturnos. — Estás com um aspeto diferente.

— Oh. Eu... — Envergonhada, Elizabeth levou uma mão aos cabelos. — Cortei o cabelo.

— Fixe. Pensei que te tinhas mudado, ou coisa do estilo.

— Entrei para a faculdade. Estou cá a passar as férias de verão.

— Ah, pois, tu concluíste o colégio mais cedo. Estranho.

— Deve ser. Vais entrar na faculdade este outono?

— Devo entrar na Brown.

— É uma ótima escola.

— Não é má. Bem...

— Andas às compras?

— Estou tesa. — Julie encolheu os ombros e Elizabeth fez uma análise da sua roupa: calças de ganga justas, cintura descaída, a tocar nos ossos ilíacos, a fina camisola pela barriga, o saco de grandes dimensões e as sandálias de cunha. — Só vim ao centro comercial para me encontrar com o meu namorado... meu ex-namorado, já que acabei tudo com ele.

— Lamento.

— Ele que se lixe. Ele trabalha na Gap. Éramos para sair esta noite, e agora ele diz-me que tem de trabalhar até às dez e que a seguir quer sair com os amigos. Para mim foi a gota d'água, por isso dei-lhe com os pés.

Elizabeth ia começar a salientar que ele não devia ser penalizado por honrar as suas obrigações, mas Julie não parava de falar e Elizabeth lembrou-se que a outra rapariga não lhe tinha dito mais do que uma dúzia de palavras desde que se haviam conhecido.

— Por isso vou até casa da Tiffany, para ver se ela quer sair comigo, porque agora não tenho namorado para o verão. É uma droga. Calculo que tu costumes sair com tipos da faculdade — Julie observou-a com atenção. — Deves ir a festas da associação de estudantes, com cerveja à discrição, essas coisas todas.

— Eu... Há muitos homens em Harvard.

— Harvard. — Julie revirou os olhos. — Algum deles está em Chicago durante o verão?

— Não faço ideia.

— Um universitário, é disso que eu preciso. Quem quer um falhado que trabalha no centro comercial? Eu preciso de alguém que se saiba divertir, que possa levar-me a sair, comprar álcool. É preciso ter muita sorte, a não ser que consigamos entrar nas discotecas. É por lá que eles andam. Só é preciso arranjar um documento de identificação falso.

— Eu posso fazer isso. — Assim que proferiu as palavras, Elizabeth indagou-se de onde teriam vindo. Mas Julie agarrou-lhe no braço e sorriu-lhe como se fossem amigas.

— A sério?

— Sim. Isto é, não é muito difícil criar uma identificação falsa com

as ferramentas certas. Um modelo do documento, uma foto, plastificação, um computador com Photoshop.

— Uma especialista. O que é preciso para me fazeres uma carta de condução que me garanta entrada numa discoteca?

— Como eu já disse, um modelo do documento...

— Não, céus. O que queres para fazeres isso?

— Eu... — *Negociar*, constatou Elizabeth. *Uma troca*. — Eu preciso comprar umas roupas, mas não sei o quê. Preciso que alguém me ajude.

— Uma conselheira de moda?

— Sim. Alguém que entenda do assunto. Tu sabes.

Com um olhar já nada taciturno, a voz já nada entediada, Julie sorriu simplesmente. — Essa é a *minha* especialidade! E se eu te ajudar a escolher umas roupas, tu fazes-me a identificação?

— Sim. E também quero ir contigo à discoteca. Assim vou precisar da roupa certa para isso também.

— Tu. Numa discoteca? Não foi só o teu cabelo que mudou, Liz.

Liz. Agora era Liz. — Vou precisar de uma foto tua, e vai demorar um bocadinho de tempo para elaborar as identificações. Podia consegui-las para amanhã. A que discoteca iríamos?

— Já agora bem podíamos ir para a mais badalada da cidade. Armazém 12. O Brad Pitt foi lá quando esteve cá.

— Tu conhece-lo?

— Quem me dera. Ok, vamos às compras.

Não era apenas a forma como Julie a conduzia para o interior das lojas e pegava na roupa após uma análise superficial, mas toda a *ideia* que estava a deixá-la zonza. Uma conselheira de moda. Não era alguém que pré-seleccionava o que considerava apropriado e esperava a sua aprovação. Era alguém que agarrava aleatoriamente em peças e falava em aparência atraente, fixe, sexy até.

Nunca ninguém havia sugerido a Elizabeth que ela podia ser *sexy*.

Ela fechou-se no gabinete de prova com a floresta de cor, a cintilação de lantejoulas, o brilho do metal, e viu-se obrigada a baixar a cabeça entre os joelhos.

Estava tudo a acontecer muito rapidamente. Era como ser-se apalhada no meio de um tsunami. A onda arrebatou-a simplesmente.

Os dedos tremiam-lhe enquanto se despia, enquanto dobrava com

cuidado a sua roupa, e depois olhou fixamente para as peças penduradas no espaço exíguo.

O que ia vestir? O que combinava com quê? Como podia saber?

— Encontrei um vestido espetacular! — Sem sequer uma batida na porta, Julie entrou de rompante. Instintivamente, Elizabeth cruzou um braço sobre os seios.

— Ainda não experimentaste nada?

— Não sabia bem por onde começar.

— Começa com o mais fantástico. — Julie atirou-lhe o vestido.

Mas, na verdade, com aquele comprimento, era mais uma túnica, pensou Elizabeth, e de um vermelho gritante, franzida dos lados. As alças finas como lâminas cintilavam de prata.

— O que usamos com isto?

— Sapatos de arrasar. Não, primeiro tira o sutiã. Não podes usar um sutiã com esse vestido. Tens um corpo muito jeitoso — comentou Julie.

— Tenho predisposição genética e mantenho-me em forma e saudável com exercício regular diário.

— Entendi.

E o corpo humano nu, ou quase, era natural, lembrou Elizabeth a si mesma. Somente pele, músculos, ossos e nervos.

Pousou o sutiã em cima da roupa dobrada e contorceu-se para entrar no vestido.

— Está muito curto — começou ela.

— É melhor esqueceres essas cuecas de avozinha e comprares uma tanga fio dental. Isso, sim, é digno de uma discoteca.

Elizabeth inspirou e virou-se para o espelho triplo. — Oh.

Quem era aquela? Quem era aquela rapariga com o vestido vermelho curto?

— Estou...

— Espetacular — afirmou Julie, e Elizabeth viu um sorriso desabrochar no seu rosto.

— Espetacular.

Elizabeth comprou o vestido e mais dois. E saias. Comprou tops que ficavam acima da cintura, calças que ficavam abaixo. Comprou tangas. E deixou-se levar por aquele tsunami até a uns sapatos de saltos altos prateados com que teria de treinar caminhar.

E riu-se, como qualquer rapariga normal às compras com uma amiga no centro comercial.

Comprou uma máquina fotográfica digital e viu Julie maqui-lhar-se na casa de banho. Tirou algumas fotografias a Julie contra a porta cinzento-clara do cubículo da sanita.

— Será que isto vai resultar?

— Sim, nós vamos conseguir. Que idade terás tu? Acho melhor ficarmos o mais próximo possível da nossa idade legal. Posso usar tudo da tua carta de condução válida e alterar apenas o ano.

— Já fizeste isto alguma vez?

— Já experimentei. Li e estudei fraude de identidade e crimes cibernéticos. É interessante. Eu gostava de...

— Gostavas de quê?

— Gostava de estudar mais seriamente crimes informáticos e prevenção, investigação. Gostava de entrar para o FBI.

— A sério? Como a Dana Scully!

— Não a conheço.

— *Ficheiros Secretos*, Liz. Não vês TV?

— A televisão comercial e popular está-me limitada a uma hora por semana.

Julie revirou os enormes olhos cor-de-chocolate. — Que idade tens tu? Seis anos? Deus do céu!

— A minha mãe tem opiniões muito definidas.

— Por amor de Deus, tu estás na faculdade. Vê o que te apetecer! Seja como for, passo por tua casa amanhã à noite. Por volta das nove? Depois apanhamos um táxi. Mas quero que me telefones quanto acabares o documento de identificação, ok?

— Sim.

— Digo-te uma coisa, ter acabado com o Darryl foi a melhor coisa que fiz na vida. De outra forma teria perdido tudo isto. Vamos divertir-nos, Liz! — A rir, Julie gingou as ancas ali mesmo na casa de banho das senhoras. — À grande. Tenho de ir. Nove horas. Não me deixes pendurada.

— Não. Não o farei.

Ruborizada do dia, Elizabeth carregou os sacos até ao carro. Agora já sabia do que falavam as raparigas no centro comercial.

Rapazes. Sexo. Julie e Darryl tinham feito. Roupas. Música. Ela tinha uma lista mental dos artistas que precisava pesquisar. Televisão e atores de

cinema. Outras raparigas. O que as outras raparigas vestiam. Com quem as outras raparigas tinham feito sexo. E, uma vez mais, rapazes.

Ela compreendia que as discussões e os tópicos eram próprios da sociedade e daquela geração. Mas tinham-lhe sido vedados até àquele dia.

E ela estava convencida de que Julie gostava de si, pelo menos um bocadinho. Podia ser que começassem a sair juntas. Podia ser que comesse também a sair com Tiffany, a amiga de Julie... que tinha feito sexo com o Mike Dauber quando ele viera a casa nas férias da primavera.

Ela conhecia o Mike Dauber, ou melhor, tinha andado na mesma turma que ele. E ele tinha-lhe passado um bilhete uma vez. Ou melhor, tinha-lhe passado um bilhete para passar a outra pessoa, mas já era alguma coisa. Era contacto.

*

EM CASA, ELIZABETH pousou os sacos todos em cima da cama.

Desta vez iria guardar tudo bem à vista. E iria tirar do armário tudo o que não gostava, que era praticamente tudo o que tinha, e encaixotar tudo para caridade. E iria também ver os *Ficheiros Secretos*, se lhe apetecesse, e ouvir Christina Aguilera, 'N Sync e Destiny's Child.

E iria mudar de curso.

A ideia fez-lhe o coração saltar até à garganta. Iria estudar o que queria estudar. E quando concluísse as licenciaturas em criminologia e em engenharia informática, concorreria ao FBI.

Tudo tinha mudado. Naquele dia.

Determinada, pegou na tinta para cabelo. Na casa de banho, colocou tudo a jeito e realizou o teste recomendado. Enquanto esperava, varreu o cabelo cortado e fez uma limpeza ao guarda-roupa e à cómoda e pendurou, ou dobrou, cuidadosamente a roupa nova.

Faminta, desceu até à cozinha, aqueceu uma das refeições etiquetadas e comeu enquanto estudava um artigo sobre falsificação de documentos de identificação no computador portátil.

Depois de ter lavado a louça, regressou ao primeiro andar. Com um misto de apreensão e entusiasmo, seguiu as instruções da tinta para cabelo e programou o temporizador. Enquanto esperava pelo tempo de pose, tratou de tudo o que precisava para a identificação. Abriu o CD de Britney Spears que Julie lhe tinha recomendado e enfiou-o no leitor de CD do computador.

Aumentou o volume para poder ouvi-lo quando entrasse no duche para tirar a tinta do cabelo.

A água escorria tão preta!

Ela lavou, lavou e lavou, apoiando por fim as mãos na parede do polibã quando o estômago começou às reviravoltas com a ansiedade e o receio. Quando a água começou a correr límpida, ela secou o cabelo com uma toalha e enrolou uma outra na cabeça.

Há séculos que as mulheres mudavam a cor do cabelo, lembrou Elizabeth a si mesma. Usando bagas silvestres, ervas, raízes. Era um... rito de passagem, decidiu.

Era uma escolha pessoal.

Depois de vestir o roupão, olhou para o espelho.

— A minha escolha — disse ela, e tirou a toalha da cabeça.

Elizabeth fitou a menina de pele clara e enormes olhos verdes, a menina com cabelo preto curto espetado que emoldurava o rosto delgado de ossos vincados. Levantou uma mão e passou os dedos pelos fios, sentindo a textura e observando o seu movimento.

Depois endireitou as costas e sorriu.

— Olá. Eu sou a Liz.

CAPÍTULO 2

PONDERANDO TODA A AJUDA que Julie lhe havia dado, Elizabeth considerou justo tratar primeiro da carta de condução da rapariga. Criar o modelo foi bastante simples. Tudo o que tinha pesquisado afirmava que a qualidade do documento de identificação dependia grandemente da qualidade do papel e da plastificação.

Isso não constituía problema, já que a mãe não olhava a despesas no que dizia respeito a comprar provisões.

Com o scanner e o computador, consegui produzir uma réplica bastante razoável e, através de Photoshop, acrescentou a foto digital e deu-lhe uns retoques.

O resultado foi bom, mas não o suficiente.

Foram precisas várias horas e três tentativas para ela sentir que tinha criado algo que passaria o exame numa discoteca. Na verdade, ela estava convicta de que passaria até num exame policial mais rigoroso. Mas esperava que não tal não fosse preciso.

Pôs a carta de condução de Julie de parte.

Era demasiado tarde para telefonar a Julie, reparou Elizabeth quando olhou para as horas e constatou que era quase uma da manhã.

Ligaria de manhã, pensou, e começou a trabalhar no seu próprio documento de identificação.

Primeiro a foto, decidi, e passou praticamente uma hora com a nova maquiagem, copiando cuidadosamente os passos que tinha visto Julie executar no centro comercial. Escureceu os olhos, deu brilho aos lábios e acrescentou cor às faces.

Ela nunca imaginara que pudesse ser tão divertido — e consideravelmente trabalhoso — jogar com as cores, os pincéis e os lápis.

A Liz parece mais velha, pensou, analisando o resultado. A Liz tem uma aparência bonita, confiante... e normal.

Entusiasmada com o sucesso, abriu os produtos para o cabelo.

Essa parte seria mais complicada, constatou, mas acreditava que, com a prática, iria aprender. Mas ela gostava das pontas espetadas e algo desalinhas. Aquele cabelo curto espetado negro era tão diferente do seu castanho-avermelhado, comprido, liso e desenxabido.

Liz era uma nova pessoa. Liz podia fazer, e faria, coisas que Elizabeth nunca imaginara. Liz ouvia Britney Spears e usava calças de ganga que revelavam o umbigo. Liz ia a discotecas ao sábado à noite com uma amiga e dançava e ria e... flirtava com rapazes.

— E os rapazes flirtam com a Liz — murmurou ela. — Porque a Liz é bonita e divertida e não tem medo de nada.

Depois de calcular e fazer o enquadramento e o fundo, usou a nova máquina fotográfica em modo de disparo automático para tirar várias fotos.

Trabalhou até depois das três e achou o processo mais simples com o segundo documento. Eram quase quatro da manhã quando guardou todas as ferramentas e equipamento, e retirou minuciosamente a maquiagem. Estava certa de que não conseguiria adormecer, de tão cheia e ocupada que estava a sua mente.

Mas adormeceu assim que fechou os olhos.

E, pela primeira vez na vida, excetuando em caso de doença, dormiu profundamente até ao meio-dia. A primeira coisa que fez foi correr para o espelho para ter a certeza de que não tinha sonhado tudo.

A segunda foi telefonar a Julie.

— Estamos prontas? — perguntou Julie, depois de atender a meio do toque.

— Sim. Já tenho tudo.

— E está perfeito, certo? Vai dar para o gasto?

— São falsificações excelentes. Não prevejo qualquer problema.

— Espetáculo! Então às nove horas. Eu apanho o táxi e peço para esperar, por isso vê se estás pronta. E vê se te arranjias como deve ser, Liz.

— Experimentei a maquilhagem ontem à noite. Vou fazer mais experiências, e com o cabelo também, esta tarde. E tenho também de treinar a andar com os saltos altos.

— Faz isso. Até logo. É hora da diversão!

— Sim, eu... — Mas Julie já tinha desligado.

Elizabeth passou o dia todo dedicada ao que chamava agora «Projeto Liz». Vestiu as novas calças de cintura baixa e tops curtos, maquilhou o rosto, fez experiências com o cabelo. Caminhou com os novos sapatos calçados e, quando sentiu que já dominava o processo, dançou.

Treinou em frente do espelho, depois de encontrar uma estação de rádio com música pop. Ela já tinha dançado assim, sozinha em frente do espelho, noutras ocasiões, para aprender os movimentos que observara nos bailes da escola secundária. Na altura em que se sentira miseravelmente posta de parte, demasiado jovem e despreziosa para alguém reparar em si.

Os saltos tornavam os movimentos, as voltas, algo problemáticos, mas ela gostava da sensação de ligeiro desequilíbrio que lhe causavam, obrigando-a a descontraír os joelhos e as ancas.

Às seis, foi buscar a refeição etiquetada e comeu-a enquanto verificava o email. Mas não havia nada, absolutamente nada, da mãe. Ela estivera tão certa de que haveria... um sermão, qualquer coisa.

Mas a paciência de Susan era infindável e ela era mestra a usar o silêncio.

Desta vez não iria funcionar, decidiu Elizabeth. Desta vez, Susan ia apanhar um choque. Tinha virado as costas a Elizabeth, mas iria voltar para Liz. E Liz não iria fazer o tal programa de verão na universidade. Liz ia alterar o horário e as aulas a frequentar no período seguinte.

Liz não ia ser cirurgiã. Liz ia trabalhar para o FBI, em crimes cibernéticos.

Concedeu-se trinta minutos para pesquisar universidades com os programas mais conceituados na sua nova área de estudo. Podia precisar de fazer transferência e aquela noite constituía um proble-

ma. Embora o dinheiro para os estudos na faculdade estivesse sob sua responsabilidade e lhe fosse dado pelos avós, eles podiam decidir acabar com o financiamento. Iam dar ouvidos à filha, deixar-se levar por ela.

Se assim fosse, ela candidatar-se-ia a bolsas de estudo. O seu currículo acadêmico iria garanti-la. Iria perder um semestre, mas arranjará um emprego. Trabalharia. Iria ser dona do próprio destino.

Desligou tudo, lembrando a si própria que aquela noite era para diversão, para descoberta. Não para preocupações e planos.

Subiu as escadas para se vestir para a sua primeira saída à noite. A sua primeira noite de verdadeira liberdade.

*

COMO SE TINHA ARRANJADO MUITO CEDO, Elizabeth teve tempo de sobra para pensar, para questionar, para duvidar. Estava formal demais, pouco maquilhada e o cabelo não estava bem. Ninguém a convidaria para dançar, porque nunca ninguém convidava.

Julie tinha dezoito anos, era mais velha e mais experiente, e sabia como se vestir, como se comportar em eventos sociais, como falar com os rapazes. Ela estava condenada a fazer ou a dizer algo inapropriado. Iria envergonhar a Julie e ela nunca mais voltaria a falar-lhe. Esse ténue elo de amizade quebrar-se-ia para sempre.

Elizabeth pôs-se num tal estado de agitada ansiedade que se sentia febril, nauseada. Sentou-se duas vezes, de cabeça entre os joelhos, para combater os ataques de ansiedade, mas, ainda assim, quando Julie bateu à porta, ela atendeu com as mãos transpiradas e o coração a bater desenfreadamente.

— C'um caraças!

— Está mal. Eu estou mal. — Todas as dúvidas e receios se transformaram em autocensura e mortificação enquanto Julie a fitava. — Desculpa. Podes levar a tua identificação.

— O teu cabelo.

— Não sei o que tinha na cabeça. Eu só queria experimentar...

— Está espetacular! Tu estás completamente deslumbrante! Eu não te teria reconhecido. Oh, meu Deus, Liz, pareces mesmo ter vinte e um anos e estás verdadeiramente sexy.

— Estou?

Julie espetou uma anca e apoiou uma mão cerrada. — Tens andado a esconder-te.

A pulsação no pescoço de Elizabeth latejava como uma ferida. — Então está bem? Eu estou bem assim?

— Estás lindamente. — Com um dedo, Julie desenhou um círculo no ar e recebeu um olhar confuso. — Dá uma voltinha, Liz. Vejamos o pacote completo.

Ruborizada, quase em lágrimas, Elizabeth girou num círculo.

— Oh, sim. Esta noite vamos arrasar.

— Tu também estás um espetáculo. Estás sempre.

— És muito simpática.

— Gosto do teu vestido.

— É da minha irmã. — Julie deu uma volta e fez pose com o curto vestido preto. — Ela mata-me se descobrir que o vesti.

— É bom ter uma irmã?

— Não é uma droga ter uma irmã mais velha que usa o mesmo tamanho que nós, mesmo sendo uma cabra metade do tempo. Deixa-me ver a identificação. O tempo está a correr, Liz.

— Oh. Sim. — Liz abriu a mala de noite que tinha escolhido da coleção da mãe e tirou a carta de condução de Julie.

— Parece verdadeira — disse Julie após uma análise atenta, e de seguida olhou fixamente para os enormes olhos escuros de Elizabeth. — Isto é, verdadeiramente verdadeira!

— Saíram-me muito bem. Penso que era capaz de fazer melhor, com equipamento mais sofisticado, mas, por esta noite, devem servir.

— Até ao tato parece verdadeira — murmurou Julie. — Tens jeito para isto, miúda. Podias fazer fortuna. Conheço miúdos que pagariam muito bem por documentos como este.

O pânico regressou. — Não podes dizer a ninguém. É só para esta noite. É ilegal e se alguém descobre...

Julie deslizou um dedo sobre o peito e depois sobre os lábios. — Não vou dizer nada. — *Bem, exceto à Tiffany e à Amber*, pensou. Lançou um sorriso a Elizabeth, certa de que conseguiria convencer a sua nova melhor amiga a fazer mais algumas só para amigos chegados.

— Vamos lá dar início à nossa festa.

Depois de Elizabeth ter fechado e trancado a porta, Julie pegou-lhe

na mão e puxou-a a correr em direção ao táxi. Entrou, deu ao taxista o nome da discoteca e virou-se no banco.

— Ok, plano de ação. Primeiro: tens de estar fria.

— Seria melhor eu ter trazido uma camisola?

Julie riu-se, depois pestanejou quando se apercebeu de que Elizabeth estava a falar a sério. — Não, estou a dizer que tens de estar indiferente, como se já fosse hábito irmos a discotecas. Como se isto não fosse nada de especial para nós. Apenas mais uma noite de sábado.

— Queres dizer que temos de estar calmas e misturar-nos.

— Exatamente. Assim que entrarmos, arranjamos mesa e pedimos

Cosmos.

— O que é isso?

— Tu sabes, como as miúdas do *Sexo e a Cidade*.

— Não sei quem são.

— Deixa estar. É *trendy*. Temos vinte e um anos, Liz; estamos numa discoteca badalada. Pedimos cocktails *trendy*.

— Oh. — Elizabeth deslizou para perto da amiga e baixou a voz. — Os teus pais não vão perceber que estiveste a beber?

— Separaram-se no inverno passado.

— Oh, lamento.

Julie encolheu os ombros e olhou pela janela por um momento. — Acontece. Seja como for, só vou estar com o meu pai na próxima quarta-feira e a minha mãe foi de fim de semana para um retiro qualquer com as amigas chatas. A Emma saiu com o namorado e, além do mais, está-se nas tintas. Posso fazer o que me apetecer.

Elizabeth anuiu com a cabeça. Eram iguais. Não tinham ninguém em casa que se preocupasse. — Vamos beber *Cosmos*.

— Isso é que é falar. E depois vamos explorar. Por isso dançamos primeiro uma com a outra... assim podemos controlar os rapazes — e eles a nós.

— É por isso que as raparigas dançam umas com as outras? Já me tinha perguntado.

— Para além disso, é divertido e há muitos rapazes que não sabem dançar. Trouxeste o telemóvel?

— Sim.

— Se nos separarmos, ligamos. Se um rapaz te pedir o número, não

lhe dê o número de casa. O telemóvel não faz mal, a não ser que a tua mãe controle as tuas chamadas.

— Não. Ninguém me telefona.

— Deslumbrante como estás, isso vai mudar esta noite. Se não quiseres que ele tenha o teu número, dá-lhe um falso. Adiante. Tu já estás na faculdade, por isso nesse campo não vais ter problema. Dizemos que somos colegas de quarto. Eu sou estudante de artes. Tu estás a tirar o curso de quê?

— Eu devia ir para medicina, mas...

— É melhor manteres essa versão. A verdade, sempre que possível. Assim não te atrapalhas tanto.

— Então, estou na escola de medicina a iniciar um estágio. — Só a ideia deixava-a deprimida. — Mas não quero falar sobre a escola a não ser que seja obrigada.

— Geralmente os rapazes só querem falar deles mesmos. Oh, meu Deus, estamos quase a chegar! — Julie abriu a mala, verificou o rosto no pequeno espelho e retocou o gloss de lábios, por isso Elizabeth fez o mesmo. — Podes pagar o táxi? Tirei cem dólares do esconderijo da minha mãe, mas não tenho mais nada.

— Claro.

— Eu depois pago-te. O meu pai é fácil de levar.

— Não me importo de pagar. — Elizabeth tirou o dinheiro da corrida e calculou a gorjeta.

— Oh, céus, estou com pele de galinha. Não consigo acreditar que vou entrar no Armazém 12! É o máximo!

— O que fazemos agora? — perguntou Elizabeth quando saíram do táxi.

— Pomo-nos na fila. Sabes, eles não deixam toda a gente entrar, mesmo com identificação.

— Porquê?

— Porque é a discoteca da moda, por isso não deixam entrar os imbecis nem os maltrapilhos. Mas deixam sempre entrar as miúdas giras. E nós estamos tão giras!

Era uma longa fila e a noite estava quente. O tráfego passava ruidosamente, abafando as conversas dos outros que esperavam. Elizabeth absorveu o momento: os sons, os cheiros, as vistas. Era noite de sábado, pensou, e ela estava a fazer fila com pessoas lindas para entrar numa dis-

coteca badalada. Estava a usar um vestido novo — um vestido *vermelho* — e uns saltos muito altos que a faziam sentir-se alta e poderosa.

Ninguém olhava para ela como se não pertencesse ali.

O homem que estava a verificar as identificações à porta usava um fato e sapatos engraxados. O seu cabelo escuro, preso atrás num rabo-de-cavalo, deixava-lhe o rosto a descoberto. Tinha uma cicatriz sobre a maçã-do-rosto da face esquerda. Um brinco cintilava no lóbulo da orelha direita.

— É um segurança — segredou Elizabeth a Julie. — Andei a pesquisar. Ele expulsa as pessoas que causam problemas. Parece ser muito forte.

— Nós só temos de passar por ele e entrar.

— A discoteca pertence à Five Star Entertainment, que é gerida por Mikhail e Sergei Volkov. Consta que eles têm ligação à máfia russa.

Julie revirou os olhos. — A máfia é italiana... sabes, como nos *Sopranos*?

Elizabeth não sabia o que o canto tinha a ver com a máfia. — Desde a queda do comunismo na União Soviética, o crime organizado na Rússia tem vindo a crescer. Na verdade, era já bastante organizado e encabeçado pelo SS, mas...

— Liz. Guarda a aula de história para depois.

— Sim. Desculpa.

— Mostra-lhe a tua identificação e continua a falar comigo. — Julie levantou de novo a voz à medida que se aproximavam da porta. — Ter deixado aquele falhado foi a melhor coisa que fiz nos últimos meses. Já te disse que ele me ligou três vezes hoje? Meu Deus, como se servisse de alguma coisa.

Um sorriso rápido ao segurança e Julie exibiu a carta de condução enquanto continuava a conversar com Elizabeth. — Eu disse-lhe para esquecer. Se ele não consegue arranjar tempo para mim, outro arranjará.

— O melhor é não nos comprometermos com uma pessoa, certamente não nesta fase.

— Tens toda a razão. — Julie estendeu a mão para o carimbo da discoteca. — E estou pronta para verificar o resto do terreno. A primeira rodada pago eu.

Passou pelo segurança enquanto ele fazia a mesma verificação ao documento de Elizabeth e lhe carimbava também a mão, e ela fez um

sorriso tão rasgado que ficou surpreendida por não ter engolido o homem inteiro.

— Obrigada — disse ela quando ele lhe carimbou o dorso da mão.

— Divirtam-se, meninas.

— Nós somos a própria diversão — disse-lhe Julie. Agarrou na mão de Elizabeth e puxou-a para o interior do recinto.

— Oh, meu Deus, nós entrámos! — Julie soltou um guincho, quase submerso pela música e balançou nos calcanhares enquanto abraçava Elizabeth.

Atordoadada com o abraço, Elizabeth ficou tensa, mas Julie tornou a balançar. — És genial!

— Sim.

Julie riu-se com um olhar um pouco tresloucado. — Ok, mesa, *Cosmos*, dança e exploração.

Elizabeth esperava que a música abafasse o bater do seu coração como tinha feito com o guincho de Julie. Tantas pessoas. Ela não estava acostumada a estar num lugar com tanta gente. Todas se mexiam e conversavam enquanto a música bombava, bombava, bombava numa vaga que saturava cada fôlego. As pessoas apinhavam a pista de dança, sacudindo-se, girando, suando. Aglomeravam-se em cubículos, à volta de mesas, encostadas ao longo arco do bar em aço inoxidável.

Ela estava decidida a estar «fria», mas não seria necessária uma camisola. O calor corporal pulsava por todos os lados.

Atravessar a multidão — desviando-se, contorcendo-se, embatendo nos corpos — pôs-lhe o coração a bater desenfreadamente. A ansiedade apertava-lhe a garganta e comprimia-lhe o peito. Só o aperto da mão de Julie na sua a impediu de sair disparada.

Julie dirigiu-se finalmente até uma mesa do tamanho de um prato.

— Consegui! Oh, meu Deus, está toda a gente aqui! Temos de continuar a tentar arranjar mesa mais perto da pista. Isto é tão completamente fantástico! O DJ está a dar-lhe com força. — Focou finalmente o rosto de Elizabeth. — Eh, sentes-te bem?

— Está muito cheio e quente.

— Pois. Quem quer ir a uma discoteca vazia e fria? Escuta, precisamos de bebidas já, por isso vou até ao bar. Eu pago, já que tu pagaste o táxi. Assim vou ter tempo para começar a explorar. Faz o mesmo daqui. Dois *Cosmos* a caminho!

Sem a mão de Julie para a ancorar, Elizabeth entrelaçou as suas. Ela reconhecia os sinais — ansiedade, claustrofobia — e concentrou-se em acalmar a respiração. Liz não entrava em pânico só porque tinha sido engolida por uma multidão. Obrigou-se a relaxar, começando pelos dedos dos pés e seguindo para cima.

Quando chegou à barriga, já se tinha acalmado o suficiente para assumir o papel de observadora. Os proprietários — e o seu arquiteto — tinham aproveitado bem o espaço do armazém, utilizando o tema industrial urbano, com os tubos e os canos expostos e as velhas paredes de tijolo. O aço inoxidável — bar, mesas, cadeiras, bancos — refletiam as cores das luzes pulsantes. Mais uma pulsação ao ritmo da música, pensou ela.

De ambos os lados, escadas de ferro abertas conduziam ao primeiro piso, também aberto. Lá em cima, as pessoas apinhavam-se junto do corrimão, ou espremiavam-se ao redor de mais mesas. Provavelmente havia um bar naquele piso, pensou ela. As bebidas eram lucro.

Ali em baixo, sobre uma ampla plataforma erguida, e debaixo daquelas luzes pulsantes, trabalhava o DJ. Mais um observador, decidiu Elizabeth. Destacado numa posição de autoridade e honra, na qual podia ver a multidão. Os seus cabelos longos e escuros esvoaçavam enquanto trabalhava. Usava uma explícita t-shirt. À distância, ela não conseguia distinguir o desenho, mas era de um laranja virulento contra o tecido negro.

Mesmo abaixo do seu poleiro, diversas mulheres moviam-se sinuosamente, oscilando as ancas num convite ao acasalamento.

Novamente calma, ela sintonizou-se na música. Era do seu agrado, aquela batida forte e repetitiva; a marcação da bateria; o áspero grito metálico da guitarra. E agradava-lhe o modo como diferentes dançarinos decidiam mover-se ao seu ritmo. Braços no ar, braços dobrados como os de um pugilista com as mãos cerradas em punhos, cotovelos espetados, pés colados ao chão, pés levantados.

— Uau, que coisa! — Julie pousou os copos de martini cheios de líquido cor-de-rosa em cima da mesa antes de se sentar. — Quase entornei isto pelo caminho, o que teria sido uma droga. Custam oito dólares cada um.

— As bebidas alcoólicas são as que representam maior margem de lucro nas discotecas e nos bares.

— Deve ser. Mas estes cocktails são bons. Bebi um bocadinho do

meu e é potente! — Riu-se e inclinou-se para diante. — Devíamos fazê-los durar até encontrarmos gajos que nos paguem uns copos.

— Porque é que nos haviam de pagar uns copos?

— *Duh!* Somos umas brasas e estamos disponíveis! Bebe um bocadinho, Liz, e vemos para ali mostrar o que valemos.

Obediente, Elizabeth bebericou. — É bom. — Bebeu mais um bocadinho. — E é muito bonito.

— Eu quero ficar acesa e solta! Eh, adoro esta música. Está na hora de abanar o esqueleto.

Uma vez mais, Julie agarrou na mão de Elizabeth.

Quando a multidão se fechou ao seu redor, Elizabeth fechou os olhos. *Concentra-te na música, pensou. Só na música.*

— Eh, mexes-te bem!

Com cuidado, Elizabeth voltou a abrir os olhos e concentrou-se em Julie. — O quê?

— Sabes, é que eu estava com receio de que fosses uma pamonha. Mas sabes mexer-te bem. Sabes dançar — explicou Julie.

— Oh. A música é tribal e concebida para estimular. É simplesmente uma questão de coordenar as pernas e as ancas. E mimetismo. Vi muito os outros dançarem.

— Como quiseres, Liz.

Elizabeth gostava de mexer as ancas. Tal como os saltos altos, isso fazia-a sentir-se poderosa e o modo como o vestido roçava na sua pele adicionava um elemento sexual. As luzes tornavam tudo surreal e a própria música parecia engolir tudo.

A sensação de desconforto em relação à multidão foi atenuada e quando Julie bateu com as ancas nas suas, Elizabeth riu-se com vontade.

As duas dançaram até mais não. De regresso à minúscula mesa, beberam *Cosmos* e, quando a empregada de mesa passou por elas, Elizabeth pediu irrefletidamente mais.

— A dança dá-me sede — disse ela a Julie.

— Eu já estou com um bom zumbido na cabeça. E aquele tipo ali está de olhos postos em nós. Não, não olhes!

— Como posso vê-lo se não olhar?

— Vai por mim, ele é mesmo giro. Daqui a pouco vou fazer-lhe olhinhos e depois tu, descontraidamente, viras-te na cadeira. Ele tem

cabelo louro, assim para o encaracolado. Usa uma t-shirt branca justa, um blusão preto e calças de ganga.

— Ah, sim, já o tinha visto junto ao bar. Estava a conversar com uma mulher. Ela tinha cabelo louro comprido e usava um vestido cor-de-rosa choque com um decote enorme. Ele tem uma argola de ouro na orelha esquerda e um anel de ouro no dedo médio da mão direita.

— Credo, tu tens realmente olhos na nuca, como a minha mãe costumava dizer que tinha? Como é que sabes, se não o viste?

— Eu vi-o, junto ao bar — repetiu Elizabeth. — Reparei nele porque a loura parecia estar muito zangada com ele. E recordo-me porque tenho uma memória eidética.

— Isso é fatal?

— Não, não é nenhuma doença, nem problema. Oh. — Corando ligeiramente, Elizabeth arqueou os ombros. — Estavas a gozar. É comumente denominada memória fotográfica, mas isso não é exato, e é mais do que visual.

— *Whatever*. Prepara-te.

Mas Elizabeth estava mais interessada em Julie: os olhinhos, que incluíam um sorriso lento e secreto e um movimento de olhos debaixo das pestanas; uma rápida sacudida da cabeça que fez esvoaçar os cabelos dela.

Seria algo inato? Seria comportamento adquirido? Uma combinação de ambos? Em qualquer dos casos, Elizabeth pensava ser capaz de o imitar, embora já não tivesse cabelo para sacudir.

— Mensagem recebida. Oh, ele tem um sorriso tão adorável! Oh, meu Deus, ele está a aproximar-se! Ele está mesmo a vir para cá.

— Mas era isso que tu querias. Foi por isso que... mandaste a mensagem.

— Sim, mas... aposto como ele tem pelo menos vinte e quatro. Aposto. Segue o meu exemplo.

— Olá.

Elizabeth levantou os olhos como Julie, mas não arriscou o sorriso. Iria precisar de treinar primeiro.

— Será que me podem ajudar numa coisa?

Julie executou uma sacudida diferente de cabeça. — Talvez.

— Estou com receio de que a memória me esteja a falhar, porque eu nunca esqueço uma mulher linda, mas não consigo lembrar-me de nenhuma de vocês. Digam-me que nunca estiveram cá.

— É a primeira vez.

— Ah, assim está explicado.

— Deves vir cá muitas vezes.

— Todas as noites. A discoteca é minha... isto é, — disse ele com um sorriso deslumbrante, — sou um dos sócios.

— És um dos Volkov? — Elizabeth falou sem pensar e sentiu o calor aumentar quando ele lhe dirigiu os olhos azuis penetrantes.

— Alex Gurevich. Primo.

— Julie Masters. — Julie estendeu uma mão, que Alex aceitou e beijou elegantemente nos nós dos dedos. — Esta é a minha amiga Liz.

— Bem-vindas ao Armazém 12. Estão a divertir-se?

— A música é ótima.

Quando a empregada de mesa chegou com as bebidas, Alex tirou a fatura da bandeja. — Mulheres lindas que vêm à minha discoteca pela primeira vez não estão autorizadas a pagar as suas bebidas.

Debaixo da mesa, Julie tocou no pé de Elizabeth enquanto sorria abertamente para Alex. — Então vais ter de nos fazer companhia.

— Adoraria. — Alex murmurou alguma coisa à empregada. — Estão de visita a Chicago?

— Nascidas e criadas cá — disse-lhe Julie, bebendo um longo gole do seu cocktail. — As duas. Viemos a casa passar o verão. Estamos a estudar em Harvard.

— Harvard? — Alex inclinou a cabeça. Os olhos dele ofuscavam. — Belas e inteligentes. Já estou meio apaixonado. Se souberem dançar, estou perdido.

Julie bebeu mais um gole. — Vais precisar de um mapa.

Ele riu-se e estendeu as mãos. Julie pegou numa e levantou-se.

— Anda, Liz. Vamos mostrar-lhe como duas miúdas de Harvard se divertem a dançar.

— Oh, mas ele quer dançar contigo.

— Com ambas. — Alex manteve a outra mão estendida. — O que faz de mim o homem mais sortudo da sala.

Ela ia declinar, mas Julie deu-lhe uma outra versão dos olhinhos por trás das costas de Alex, que envolvia muito revirar, oscilar de sobran-celhas e sorriso malicioso. Por isso ela segurou na mão dele.

Ele não estava realmente a convidá-la para dançar, mas Elizabeth reconheceu a sua boa educação por não a ter deixado sozinha na mesa.

Ela fez os possíveis por alinhar sem atrapalhar. Não importava, ela adorava dançar. Adorava a música. Adorava o barulho a subir à sua volta, os movimentos, os cheiros.

Quando sorriu não foi de modo forçado, apenas um curvar natural dos lábios. Alex piscou-lhe o olho e sorriu-lhe enquanto pousava as mãos nas ancas de Julie.

Depois levantou o queixo num sinal para alguém atrás dela.

No momento em que ela se virou para olhar, alguém lhe pegou na mão, fê-la rodopiar rapidamente e quase a fez cair.

— Como sempre, o meu primo é um glutão. Fica com duas quando eu não tenho nenhuma. — A Rússia fluía exoticamente naquela voz. — A não ser que tenhas dó de mim e aceites dançar comigo.

— Eu...

— Não digas que não, linda menina. — Puxou-a para si para um passo de dança. — É só uma dança.

Ela só conseguia olhar fixamente para ele. Ele era alto, o corpo firme de encontro ao seu. Onde Alex era claro, ele era escuro: o cabelo ondulado, uns olhos que pareciam quase negros contra a pele morena. Ao sorrir, formava umas suaves covinhas nas faces. O coração dela dava trambolhões dentro do peito e tremia.

— Gosto do teu vestido — disse ele.

— Obrigada. É novo.

O sorriso dele alargou-se. — E tem a minha cor favorita. Chamo-me Ilya.

— Eu chamo-me... Liz. Eu sou a Liz. Hum. *Priyatno poznakomit'sya.*

— Muito prazer em conhecer-te também. Falas russo.

— Sim. Bem, um bocadinho. Hum.

— Uma miúda linda que veste a minha cor favorita e fala russo. É a minha noite de sorte.

Não, pensou Elizabeth, quando, segurando-a ainda contra si, ele levou a mão dela aos lábios. Oh, não. Era a sua noite de sorte.

Era a melhor noite da sua vida.

CAPÍTULO 3

FORAM SENTAR-SE NUMA MESA mais reservada. Aconteceu tudo de forma tão natural, tão fluída, que parecia magia. Tão mágico como a bonita bebida cor-de-rosa que apareceu à frente dela.

Ela sentia-se a Cinderela no baile e a meia-noite estava a milhas de distância.

Quando se sentaram, ele manteve-se junto a ela, olhos fixos no seu rosto, o corpo inclinado de encontro ao seu como se a multidão e a música não existissem. Tocava-lhe enquanto falava e cada roçar dos dedos dele pelo dorso da mão, do braço, ou do ombro dela era uma emoção indescritível.

— Então, o que estudas tu em Harvard?

— Estou em medicina. — Não seria verdade, disse para si mesma, mas naquele momento era suficientemente verdadeiro.

— Uma médica. São precisos muitos anos, sim? Que espécie de médica serás tu?

— A minha mãe quer que eu siga os passos dela e me especialize em neurocirurgia.

— Vais ser cirurgiã cerebral? Isso é uma médica muito importante, que mexe em cérebros. — Deslizou levemente a ponta de um dedo pela têmpora dela. — Deves ser muito inteligente para isso.

— Sou. Muito inteligente.

Ele riu-se como se ela tivesse dito algo encantador. — É bom conheceres-te a ti própria. Dizes que é isso que a tua mãe quer. É o que tu queres?

Elizabeth bebeu um gole da sua bebida e pensou que ele era também muito inteligente... ou, pelo menos, astuto. — Não, nem por isso.

— Então que tipo de médica queres ser?

— Não quero ser médica.

— Não? Então o quê?

— Quero trabalhar em cibercrimes para o FBI.

— FBI? — Ele arregalou os olhos escuros.

— Sim. Quero investigar crimes ligados à alta tecnologia, fraude por computador: terrorismo, exploração sexual. É uma área importante que muda todos os dias com o avanço da tecnologia. Quanto mais as pessoas utilizam e dependem dos computadores e da eletrónica, mais o criminoso explorará essa dependência. Ladrões, fraudadores, pedófilos, terroristas até.

— Essa é a tua paixão.

— Eu... eu acho que sim.

— Então deves segui-la. Devemos sempre seguir as nossas paixões, sim? — Quando passou a mão pelo joelho de Elizabeth, um calor lento e líquido espalhou-se pelo ventre dela.

— Nunca o fiz. — *Será isto paixão*, indagou-se ela, *este calor líquido e lento?* — Mas quero começar.

— Deves respeitar a tua mãe, mas ela também deve respeitar-te. Uma mulher adulta. E uma mãe quer sempre que os filhos sejam felizes.

— Ela não quer que eu desperdice o meu intelecto.

— Mas o intelecto é teu.

— Estou a começar a acreditar nisso. Estás na faculdade?

— Já terminei. Agora trabalho no negócio da família. Isto faz-me feliz. — Fez sinal à empregada de mesa para que trouxesse mais uma rodada, antes mesmo de Elizabeth se aperceber de que o seu copo estava quase vazio.

— Porque é a tua paixão.

— Exatamente. Eu sigo as minhas paixões... assim.

Ele ia beijá-la. Ela podia nunca ter sido beijada, mas já o tinha imaginado bastantes vezes. Elizabeth descobriu que a imaginação não era o seu forte.

Ela sabia que beijar transmitia informação biológica através das feromonas e que o ato estimulava as terminações nervosas dos lábios e da língua. O beijo despoletava uma reação química agradável que explicava o motivo, salvo raras exceções, por que beijar fazia parte da cultura humana.

Mas ela descobriu que *ser* beijada era completamente diferente de teorizar sobre o ato.

Os lábios dele eram suaves e macios e roçaram ao de leve nos seus, com a pressão aumentando lenta e gradualmente enquanto a mão dele deslizava da anca para a caixa torácica dela. O coração de Elizabeth pareceu querer saltar-lhe do peito quando a língua de Ilya se enfiou por entre os seus lábios e deslizou preguiçosamente sobre a sua.

Ela susteve a respiração, libertando-a de seguida com um som involuntário, quase de dor, e o mundo girou ao seu redor.

— Doce — murmurou ele, e a vibração das palavras de encontro aos lábios dela, o calor da respiração dele dentro da sua boca, provocaram-lhe um arrepio na espinha. — Muito doce. — Os dentes dele roçaram no seu lábio inferior quando ele recuou para a examinar. — Gosto de ti.

— Eu também gosto de ti. Gostei de te beijar.

— Então temos de repetir, enquanto dançamos. — Ajudou-a a levantar-se e beijou-a outra vez ao de leve. — Tu não és... qual é a palavra? Qual é a palavra? Maçadora. É essa a palavra. Não como tantas mulheres que vêm aqui para dançar, beber e seduzir os homens.

— Não tenho muita experiência com qualquer uma dessas coisas.

Aqueles olhos negros cintilavam sob as luzes pulsantes. — Então os outros homens não são tão sortudos como eu.

Elizabeth olhou para Julie no momento em que Ilya a arrastou para a pista de dança e viu que a amiga também estava a ser beijada. Não suavemente, não lentamente, mas Julie parecia estar a gostar. Na verdade, estava a participar plenamente, por isso...

Então Ilya tomou-a nos braços e bailou com ela, ao contrário de todos os outros que se sacudiam e giravam com genica. Limitou-se a bailar com ela enquanto baixava de novo a boca sobre a sua.

Elizabeth parou de pensar em reações químicas e em terminações nervosas. Em vez disso, fez os possíveis por participar plenamente. O instinto fê-la levantar os braços e abraçá-lo pelo pescoço. Quando sentiu

a mudança nele, a solidez de encontro ao seu corpo, ela percebeu que se tratava de uma reação física normal e até involuntária.

Mas ficou maravilhada na mesma. Ela tinha causado a reação. Ele desejava-a, quando nunca ninguém a havia desejado.

— O que tu me fazes — sussurrou-lhe ele ao ouvido. — O teu sabor, o teu cheiro.

— São feromonas.

Ele olhou para ela de sobrolho franzido. — É o quê?

— Nada. — Ela encostou a face ao ombro dele.

Elizabeth sabia que o álcool lhe toldava o raciocínio, mas não se importava. Mesmo sabendo que era o álcool a toldá-la, não se preocupava, e tornou a levantar o rosto. Desta vez foi ela quem deu início ao beijo.

— Devíamos sentar-nos — disse ele um longo momento depois. — Pões-me os joelhos a tremer.

Ilya segurou-lhe na mão quando regressavam para a mesa. De olhos reluzentes e rosto corado, Julie levantou-se abruptamente. Vacilou por instantes, riu-se e agarrou na mala.

— Nós já voltamos. Anda, Liz.

— Onde?

— Onde havia de ser? À casa de banho.

— Oh. Com licença.

Julie deu-lhe o braço tanto para se equilibrar como por solidariedade. — Oh, meu Deus! Acreditas nisto? Nós estamos com os tipos mais lindos da discoteca! Meu Deus, eles são tão sexy! E o teu tem aquele sotaque. Quem me dera que o meu tivesse o sotaque, mas ele beija muito melhor que o Darryl. Ele é praticamente o dono da discoteca, sabias? E tem uma casa à beira do lago. Vamos todos sair daqui e vamos para lá.

— Para casa dele? Achas que devíamos?

— Oh, devíamos sim. — Julie abriu a porta da casa de banho e deu uma olhadela à fila para os cubículos. — Típico, e eu estou mesmo aflita! Como é que é o teu? Beija bem? Como é mesmo o nome dele?

— Ilya. Sim, é muito bom. Eu gosto muito dele, mas não sei se devíamos ir com eles para casa do Alex.

— Oh, descontrai, Liz. Não me podes deixar pendurada agora. Eu

vou de certeza para a cama com o Alex e não posso ir sozinha com ele para lá... não no primeiro encontro. Tu não precisas de ir para a cama com o Ilya, se és tão virginal.

— O sexo é um ato natural e necessário, não só para procriação, mas, sem dúvida para os humanos, para obtenção de prazer e libertação de stress.

— Entendi. — Julie deu-lhe uma cotovelada. — Então não achas que eu sou uma galdéria por fazer sexo com o Alex?

— O facto de as mulheres serem consideradas promíscuas ou vulgares por terem relações sexuais para obtenção de prazer, enquanto que os homens são considerados viris, é um infeliz subproduto de uma sociedade patriarcal. A virgindade não devia ser um prémio a conquistar, nem recusado. O hímen não tem propriedades compensadoras, não garante qualquer tipo de poder. As mulheres deviam... não, as mulheres têm o direito de perseguir a própria satisfação sexual, independentemente do objetivo ser a procriação ou da relação ser monogâmica, tal como o homem é livre para o fazer.

Uma ruiva magricela afofou os cabelos e dirigiu um sorriso deslumbrante a Elizabeth ao passar por ela. — Dá-lhe, irmã.

Elizabeth inclinou-se para Julie quando a mulher se afastou. — Dou o quê? — segredou ela. — É só uma expressão. Sabes, Liz, pensei que fosses do tipo que cruza as pernas e só admite ser tocada acima da cintura e por cima da roupa.

— A falta de experiência não faz de mim uma puritana.

— Entendido. Sabes, tinha pensado em livrar-me de ti quando estivessemos cá dentro e eu arranjasse companhia, mas tu és fixe... mesmo que fales como uma professora a metade do tempo. Por isso, olha, desculpa por ter pensado assim.

— Não faz mal. Não o fizeste. E eu sei que não sou como as tuas amigas.

— Eh. — Julie colocou um braço em torno dos ombros de Elizabeth e apertou-a. — Agora és minha amiga, ok?

— Espero que sim. Eu nunca...

— Oh, graças a Deus! — disse Julie avançando subitamente quando a porta de um dos cubículos se abriu. — Então vamos para casa do Alex, certo?

Elizabeth olhou em volta para a casa de banho apinhada. As mulheres

estavam todas a retocar a maquilhagem e o cabelo, à espera na fila, a rir e a conversar. Provavelmente ela seria a única virgem ali.

A virgindade não era um prémio, lembrou a si mesma. Mas também não era um fardo. Cabia a si mantê-la ou perdê-la. Era sua escolha. Era a sua vida.

— Liz?

— Sim. — Respirando profundamente para se acalmar, Liz encaminhou-se para o seguinte cubículo aberto. — Sim — repetiu ela, fechando a porta e os olhos. — Vamos. Juntas.

*

À MESA, ILYA LEVANTOU A CERVEJA. — Se estas miúdas têm vinte e um, eu tenho sessenta.

Alex limitou-se a rir e encolheu os ombros. — Devem andar lá perto. E a minha está com o cio, acredita.

— Ela está bêbeda, Alexi.

— E então? Eu não lhe enfie a bebida goela abaixo. Estou com vontade de provar carne fresca e vou dar uma queca esta noite. Não me digas que não estás a pensar faturar a morena escaldante, irmão.

— Ela é uma querida. — Ilya esboçou um sorriso. — E um pouquinho verde ainda. Não está tão bêbeda como a tua. Se ela quiser, levo-a para a cama. Gosto da mente dela.

Alex contraiu os lábios. — Vai gozar com outro!

— Não, a sério. Ela tem qualquer coisa. — Olhou em volta. Demais do mesmo, pensou ele das mulheres que passavam, demasiado previsíveis.. — Refrescante... essa é a palavra.

— A loura está a tratar das coisas para irmos para minha casa. Nós quatro. Ela disse que não vai se a amiga não for. Tu podes ficar com o quarto de hóspedes.

— Prefiro a minha casa.

— Olha, ou vão as duas, ou não vai nenhuma. Eu não estive duas horas a pô-la no ponto para deixar aquele rabo bom sair daqui porque tu não consegues chegar a acordo com a amiga.

Os olhos de Ilya endureceram sobre a cerveja. — Eu consigo chegar a acordo com ela, *dvojurodný brat*.

— E o que achas que vai conseguir convencê-la, *primo*? A dro-

ga de apartamento em que ainda moras, ou a minha casa à beira do lago?

Ilya encolheu um ombro. — Prefiro a minha casa mais simples, mas tudo bem. Vamos para a tua. Nada de drogas, Alexi.

— Oh, por amor de Deus!

— Nada de drogas. — Ilya inclinou-se para diante e espetou um dedo na mesa. — Não quero nada de ilegal. Não as conhecemos, mas parece-me que a minha não ia aprovar. Ela diz que quer trabalhar para o FBI.

— Estás a gozar!

— Não. Nada de drogas, Alexi, ou eu não vou... e tu não dás queca nenhuma.

— Muito bem. Lá vêm elas.

— Levanta-te. — Ilya deu um pontapé a Alex por debaixo da mesa. — Finge que és um cavalheiro.

Ilya levantou-se e estendeu uma mão a Liz.

— Nós adorávamos sair daqui — anunciou Julie, abraçando-se a Alex. — Adorávamos conhecer a tua casa.

— Então é isso que vamos fazer. Nada supera uma festa privada.

— Tudo bem por ti? — murmurou Ilya quando começaram a dirigir-se para a saída.

— Sim. A Julie quer mesmo isto e estamos juntas, por isso...

— Não, não estou a perguntar o que a Julie quer. Estou a perguntar se tu queres.

Ela olhou para ele, suspirou e sentiu um ligeiro arrepio. O que ela queria era importante para ele. — Sim. Quero ir contigo.

— Que bom. — Ilya pegou na mão dela e encostou-a ao peito enquanto avançavam por entre a multidão. — Quero estar contigo. E podes falar-me mais da Liz. Quero saber tudo sobre ti.

— A Julie disse que os rapazes... que os homens só querem falar deles próprios.

Ele riu-se e enfiou o braço em torno da cintura dela. — Então como é que eles aprendem coisas sobre as mulheres fascinantes?

Quando chegaram à porta, um homem de fato aproximou-se e deu uma palmadinha no ombro de Ilya.

— Um momento — disse Ilya a Liz, saindo da discoteca.

Ela não conseguia ouvir bem e eles estavam a falar em russo. Mas

conseguiu perceber, ao olhar para o perfil de Ilya, que ele não estava satisfeito com o que estava a ouvir.

Porém, Elizabeth estava bastante convicta de que o rosnado «*chyort voz'mi*» era uma imprecisão. Ilya fez sinal para o homem esperar e levou Liz para fora, onde Alex e Julie aguardavam.

— Tenho de resolver um assunto. Desculpa.

— Não faz mal. Eu compreendo.

— Que treta, Ilya, deixa isso para outro!

— É trabalho — disse Ilya sem rodeios. — Não devo demorar muito... não mais de uma hora. Vai tu, Alexi, mais a tua amiga. Eu vou assim que estiver despachado.

— Oh, mas...

— Anda, Liz, não tem problema. Podes esperar pelo Ilya em casa do Alex. Ele tem todo o tipo de música... e uma TV de ecrã plano.

— Espera por mim. — Ilya debruçou-se e deu um beijo longo e profundo a Elizabeth. — Eu vou já. Conduz com cuidado, Alexi. Levas uma carga preciosa.

— Então agora tenho duas mulheres lindas. — Não querendo perder o entusiasmo, Alex deu os braços às duas raparigas. — O Ilya leva tudo muito a sério. Eu gosto de me divertir. Somos demasiado novos para sermos sérios.

Um SUV escuro parou junto do passeio. Alex fez sinal e apanhou as chaves que o porteiro lhe atirou. Abriu a porta. Pressionada pela boa educação e por um sentimento de obrigação, Liz entrou para o banco traseiro. Olhou fixamente para a porta da discoteca, esticando o pescoço para a manter no seu campo de visão quando Alex se afastou com o carro com Julie a cantar ao som do rádio.

*

AQUELA SITUAÇÃO NÃO LHE PARECIA BEM. Sem Ilya, o empolgação e a expectativa tinham-se desvanecido e deixado tudo chato e insípido. Devido ao álcool, a viagem no banco traseiro despoletou um acesso de náuseas. Zonza, e subitamente extremamente cansada, Elizabeth encostou a cabeça à janela lateral.

Eles não precisavam de si, pensou Elizabeth. Tanto Julie como Alex cantavam e riam. Ele conduzia demasiado depressa, fazendo as curvas

de uma forma que lhe dava voltas ao estômago. Elizabeth recusava-se a vomitar. Mesmo quando um calor se apossou de si, ela obrigou-se a respirar lenta e regularmente. Elizabeth não ira humilhar-se vomitando no banco traseiro do SUV de Alex.

Abriu uma fresta da janela e deixou o vento soprar-lhe no rosto. Ela queria deitar-se, queria dormir. Tinha bebido demais e aquela era mais uma reação química.

E nem de perto nem de longe tão agradável como um beijo.

Elizabeth concentrou-se na respiração, no vento que lhe batia no rosto, nas casas, nos carros, nas ruas. Em tudo, menos no estômago agitado e na cabeça rodopiante.

Enquanto ele conduzia o carro ao longo de Lake Shore Drive, ela pensou no quão relativamente perto estavam de sua casa em Lincoln Park. Se pudesse simplesmente ir para casa, poderia deitar-se no sossego e livrar-se das náuseas e da cabeça zonzas durante o sono. Mas quando Alex estacionou diante de uma bonita casa antiga de dois andares, ela pensou que pelo menos podia sair do carro e pisar terra firme.

— Tem uma vista fantástica — estava Alex a dizer enquanto saía do carro com Julie. — Pensei em comprar um apartamento num condomínio, mas gosto da minha privacidade. Aqui há muito espaço para festas e ninguém chateia por a música estar demasiado alta.

Julie cambaleou e riu-se algo tresloucadamente quando Alex a apanhou e lhe apertou o rabo.

Elizabeth arrastava-se atrás deles, sentindo-se uma miserável roda sobresselente nauseada.

— Moras aqui sozinho — conseguiu ela dizer.

— Há muito espaço para companhia. — Ele destrancou a porta da frente e gesticulou. — Primeiro as senhoras. — E deu uma palmadinha provocadora no rabo de Elizabeth quando ela estava a entrar.

Ela queria dizer-lhe que ele tinha uma casa linda, mas a verdade é que era tudo demasiado claro, demasiado novo, demasiado moderno. Tudo de ângulos retos, superfícies brilhantes e pele luzidia. Um bar vermelho vivo, um enorme sofá de pele preto e um gigantesco plasma na parede dominavam a sala de estar, enquanto as amplas janelas e portas de vidro que davam para o terraço deveriam ser a principal atração.

— Oh, meu Deus, adoro isto! — Julie atirou-se imediatamente para cima do sofá e esticou-se. — É absolutamente decadente.

— É essa a ideia, querida. — Alex pegou no controlo remoto, clicou e a sala foi inundada de música ritmada. — Vou preparar-te uma bebida.

— Sabes fazer *Cosmos*? — perguntou-lhe Julie. — Adoro *Cosmos*.

— Vou viciar-te.

— Posso beber um pouco de água? — perguntou Elizabeth.

— Oh, Liz, não sejas desmancha-prazeres.

— Estou um bocadinho desidratada. — E, oh céus, precisava de mais ar. — Posso ir ver a vista ali fora? — Encaminhou-se para as portas do terraço.

— Claro. *Mi casa es su casa*.

— Quero dançar!

Ao mesmo tempo que a Julie se levantou aos tropeções, Elizabeth abriu as portas e saiu. Ela imaginava que a vista fosse maravilhosa, mas tudo ficou turvo quando cambaleou até ao corrimão para se apoiar.

O que estavam a fazer? O que tinham elas na cabeça? Aquilo era um erro. Um estúpido e inconsciente erro. Tinham de se ir embora. Ela tinha de convencer Julie a ir-se embora.

Mas mesmo com a música alta, ela conseguia ouvir o riso embriagado de Julie.

Talvez se sentasse ali fora durante uns minutos para desanuviar a cabeça e esperar que o estômago se acalmasse. Podia dizer que a mãe tinha ligado. O que era mais uma mentira numa noite cheia delas? Inventaria uma desculpa. Uma boa e lógica desculpa para saírem dali. Assim que a cabeça desanuviasse.

— Aqui estás tu.

Elizabeth virou-se quando Alex saiu.

— Um de cada. — Dourado sob a luz ténue, ele carregava um copo de água com gelo numa mão e um copo daquele bonito cocktail cor-de-rosa que agora lhe provocava voltas no estômago.

— Obrigada. Mas acho que vou ficar-me pela água.

— Tens de alimentar esse êxtase, querida. — Mas pousou a bebida. — Não precisas de estar aqui fora sozinha. — Pressionou-a de encontro ao corrimão. — Podemos fazer uma festa os três. Eu posso cuidar das duas.

— Não me parece...

— Quem sabe se o Ilya vem? Trabalho, trabalho, trabalho; ele só pensa em trabalho. Mas tu despertaste-lhe o interesse. O meu também. Volta para dentro. Vamos divertir-nos.

— Acho que... vou esperar pelo Ilya. Preciso de usar a tua casa de banho.

— Quem perde és tu, querida. — Embora ele tenha apenas encolhido os ombros, ela pensou ter visto algo malévolos no seu olhar. — Vira à esquerda. Fica depois da cozinha.

— Obrigada.

— Se mudares de ideias — gritou ele quando ela correu para a porta.

— Julie. — Elizabeth agarrou Julie pelo braço quando a amiga tentou executar uma instável pirueta.

— Estou a divertir-me imenso. Isto é o máximo!

— Julie, tu bebeste demais.

Depois de um «*pfft*», Julie sacudiu Elizabeth. — Impossível.

— Temos de ir.

— Temos de ficar e divertir-nos!

— O Alex disse que devíamos ir as duas para a cama com ele.

— *Uhh*. — A rir às gargalhadas, Julie tornou a girar. — Ele está só a meter-se contigo, Liz. Não te armes em esquisitinha comigo. O teu gajo chega daqui a uns minutos. Bebe mais um copo e descontrai.

— Eu não quero beber mais nada. Sinto-me maldisposta. Quero ir para casa.

— Eu não vou para casa. Lá ninguém quer saber de mim. Vá lá, Lizzy! Dança comigo.

— Não posso. — Liz levou uma mão ao estômago e a sua pele começou a ficar húmida e pegajosa. — Preciso de... — Incapaz de combater a náusea, correu para a esquerda e viu Alex encostado às portas do terraço a rir maliciosamente para si.

Num meio soluço, atravessou a cozinha aos tropeções e quase caiu sobre os ladrilhos quando acelerou em direção à porta da casa de banho.

Elizabeth arriscou o meio segundo que era preciso para trancar a porta atrás de si e logo de seguida caiu de joelhos diante da sanita. Vomitou uma gosma cor-de-rosa e mal conseguiu respirar antes de tornar a vomitar. As lágrimas escorriam-lhe pelas faces quando se levantou com esforço, usando o lavatório como ponto de apoio. Meio às cegas, abriu a torneira da água fria, enfiou alguma na boca e salpicou também o rosto.

A tremer, levantou a cabeça e viu-se ao espelho: branca como cera e o rímel e o eyeliner esborratados por baixo dos olhos como se fossem

nódoas negras. O rímel tinha também deixado rastos pelas faces abaixo como lágrimas negras.

Sentiu-se inundada pela vergonha no momento em que outra náusea a obrigou a ajoelhar-se de novo.

Exausta, com a casa de banho a girar à sua volta, encolheu-se sobre os ladrilhos e chorou. Não queria que ninguém a visse naquele estado.

Queria ir para casa.

Queria morrer.

Deixou-se ficar deitada com a face encostada aos ladrilhos frios até decidir que podia arriscar sentar-se. A casa de banho fedia a vômito e suor, mas ela não podia sair antes de se lavar.

Fez o melhor que conseguiu com água e sabão, esfregando o rosto até a pele ficar vermelha, parando de vez em quando para se debruçar e combater mais uma onda de enjoo.

Agora estava pálida e cheia de manchas no rosto, os olhos estavam vítreos e raiados de vermelho. Mas as mãos tremiam-lhe, e por isso a tentativa de retocar a maquilhagem foi quase pior do que se tivesse estado quieta.

Teria de engolir a humilhação. Iria até ao terraço apanhar ar fresco e esperar que Ilya chegasse. Pedir-lhe-ia que a levasse a casa e esperava que ele compreendesse.

Ele nunca mais ia querer vê-la. Nunca mais a beijaria.

Causa e efeito, lembrou a si mesma. Ela tinha mentido, mentido e mentido, e o resultado era aquela nova humilhação e pior, aquele vislumbre do que poderia ter sido, para depois tudo lhe fugir.

Baixou a tampa da sanita, sentou-se, agarrou na bolsa e preparou-se mentalmente para o passo seguinte. Extenuada, descalçou os sapatos. O que importava? Os pés doíam-lhe e a meia-noite da Cinderela já tinha chegado.

Atravessou, com a máxima dignidade possível, a cozinha, com os seus grandes eletrodomésticos pretos e ofuscantes balcões brancos. Mas quando começou a virar para a sala de estar, viu Alex e Julie nus a fazerem sexo no sofá de pele.

Aturdida, e fascinada, ficou paralisada por um momento a ver as tatuagens das costas e ombros de Alex encrespam-se à medida que as ancas dele se moviam. Debaixo dele, Julie fazia uns gemidos guturais.

Envergonhada por estar a observar, Elizabeth recuou silenciosamente e usou a porta da cozinha para aceder ao terraço.

Ia sentar-se no escuro, ao ar fresco, até eles terminarem. Ela não era uma puritana. Afinal, tratava-se apenas de sexo. Mas Elizabeth desejava verdadeiramente que eles estivessem a fazer sexo dentro de um quarto fechado. Depois desejou ter mais água para a garganta agredida e também uma manta porque se sentia fria. Fria, vazia e muito, muito frágil.

Acabou por adormecer encolhida na cadeira a um canto escuro do terraço.

Ela não sabia o que a tinha acordado — vozes, um estrondo — mas acordou, rígida e enregelada na cadeira. Viu pelo seu relógio que tinha dormido apenas cerca de quinze minutos, mas sentia-se ainda pior do que antes.

Precisava de ir para casa. Cautelosa, aproximou-se silenciosamente das portas para ver se Julie e Alex já tinham terminado.

Ela não viu Julie, só Alex — vestindo apenas uns boxers pretos — e dois homens completamente vestidos.

Mordendo o lábio, aproximou-se mais um bocadinho. Talvez tivessem ido avisar Alex de que Ilya estava atrasado. Oh, Deus, quem lhe dera que ele chegasse e a levasse para casa.

Lembrando-se do seu aspeto, manteve-se nas sombras enquanto se dirigia para a porta que Alex tinha deixado aberta.

— Que caraças, fala inglês! Eu nasci em Chicago! — Obviamente irritado, Alex encaminhou-se a passos largos para o bar e serviu-se de um copo de vodka. — O que queres tu, Korotkii, que não pode esperar até amanhã?

— Para quê adiar para amanhã? Isto é americano suficiente para ti?

O homem que falava tinha um corpo compacto, atlético. As mangas curtas da t-shirt preta apertavam-lhe os bíceps. Os braços estavam cobertos de tatuagens. Como Alex, era louro e atraente. Um parente? Perguntou-se Elizabeth. A semelhança era subtil, mas existia.

O homem que o acompanhava era maior, mais velho e tinha a postura de um soldado.

— Sim, és um autêntico ianque. — Alex emborcou a vodka. — O expediente já acabou.

— E tu trabalhas tanto. — A voz suave de Korotkii deslizava sobre

as palavras. Mas sob a suavidade, o sotaque intrigante e áspero arranhava-as. — Dá muito trabalho roubares o teu tio.

Alex parou quando deitava pó branco de um saco transparente para cima de um pequeno espelho quadrangular sobre o bar. — Estás a falar de quê? Eu não roubo o Sergei.

— Tu roubas das discotecas, do restaurante; aproveitaste das fraudes da internet, dos lucros das prostitutas. Tu deitas a mão a tudo o que consegues alcançar. Achas que isso não é roubar o teu tio? Achas que ele é parvo?

Sorrindo com desdém, Alex pegou num fino utensílio de metal e começou a bater com ele no pó.

Cocaína, constatou Elizabeth. Oh, céus, que asneira tinha feito em ir até ali.

— O Sergei tem a minha lealdade, — disse Alex enquanto cortava o pó, — e eu falo com ele sobre esta treta amanhã.

— Pensas que ele não sabe como pagaste o *Rolax*, o *Armani*, o *Versace*, esta casa e todos os teus outros brinquedos e as drogas, Alexi? Pensas que ele não sabe que fizeste um acordo com a bófia?

O pequeno utensílio tiniu quando Alex o deixou cair. — Eu não faço acordos com a bófia.

Ele está a mentir, pensou Elizabeth. Ela conseguia ver nos olhos dele, perceber no tom da sua voz.

— A polícia deteve-te há dois dias por posse de drogas. — O gesto de Korotkii em direção à cocaína foi de pura aversão. — E tu negociaste com eles, *mudak*. Traíste a tua família em troca da liberdade, em troca da tua vidinha de luxo. Sabes o que acontece aos ladrões e aos traidores, Alexi?

— Eu falo com o Sergei. Eu explico-lhe. Eu tinha de lhes dar alguma coisa, mas foi tudo mentira. Tudo tretas. Manipulei-os.

— Não, Alexi, eles é que te manipularam. E tu perdeste.

— Eu falo com o Sergei. — Quando ele se endireitou, o segundo homem avançou rapidamente e prendeu-lhe os braços atrás das costas.

O medo apossou-se do seu rosto, e com o medo falou em russo. — Não faças isto, Yakov, somos primos. As nossas mães eram irmãs. Temos o mesmo sangue.

— Tu és uma desgraça para a tua mãe, para o teu sangue. De joelhos.

— Não. Não faças isto.

O segundo homem empurrou Alexi para o chão.

— Não. Por favor. Somos do mesmo sangue. Dá-me uma oportunidade.

— Sim, implora. Implora pela tua vida imprestável. Eu preferia deixar o Yegor desfazer-te em pedaços, mas o teu tio disse para mostrar misericórdia, em nome da sua irmã.

— Por favor, misericórdia!

— Esta é a tua misericórdia. — Korotkii puxou uma arma do fundo das costas, encostou o cano à testa de Alexi e disparou.

As pernas de Elizabeth cederam. Ela caiu de joelhos com a mão colada à boca para sufocar o grito.

Korotkii falava suavemente quando encostou a arma à têmpora de Alexi e disparou mais duas vezes.

A sua expressão manteve-se inalterada, fixa como uma máscara, enquanto cometia o assassinato. Depois endureceu ao levantar os olhos em direção à cozinha.

— Não me sinto bem, Alex. Preciso de me deitar, ou talvez devêsemos... Quem é você?

— Ah, foda-se — resmungou ele e disparou duas vezes contra Julie.

— Porque é que nós não sabíamos que ele tinha esta puta com ele?

O segundo homem aproximou-se de Julie e abanou a cabeça. — Está é nova. Muito jovem.

— Não vai envelhecer.

A visão de Elizabeth turvou. Era um sonho. Um pesadelo. Por causa da bebida e da má disposição. Ela ia acordar a qualquer instante. Encolhida na escuridão, olhava fixamente para Alex. Quase não havia sangue, reparou. Se fosse real, não haveria mais sangue?

Acorda, acorda, acorda.

Mas o terror intensificou-se ainda mais quando ela viu Ilya entrar.

Iam matá-lo também. O homem ia matá-lo. Ela precisava ajudar. Precisava...

— Que diabo, o que fizeste tu?

— O que me mandaram fazer.

— As ordens eram para lhe partires os braços, e só amanhã à noite.

— As ordens mudaram. O nosso informante avisou-nos. O Alexi foi para a cama com os chuis.

— Céus. Filho da puta.

Elizabeth viu horrorizada Ilya pontapear Alex, uma, duas, três vezes.

Um deles, pensou. Ele era um deles.

Ilya parou, desviou o cabelo do rosto e viu então o corpo de Julie.

— Ah, merda. Isto era necessário?

— Ela viu-nos. Tinham-nos dito que a puta dele tinha saído com outro homem.

— Foi azar desta ele andar à procura de carne fresca. Onde está a outra?

— Outra?

Os lindos olhos escuros gelaram. — Eram duas. Esta e outra de cabelo curto preto, vestido vermelho.

— Yegor.

Com um aceno de cabeça, o homem grande sacou de uma faca e começou a subir as escadas. Ilya gesticulou e, seguindo as ordens, Korotkii avançou em direção à cozinha enquanto Ilya se encaminhou para as portas do terraço.

— Liz — murmurou ele. — Está tudo bem, Liz. Eu cuido de ti.

Tirou uma faca da bota, segurou-a atrás das costas e ligou as luzes exteriores. Viu os sapatos dela, perscrutou o terraço e correu até ao corrimão.

— Não está cá ninguém — disse-lhe Korotkii da entrada.

— Mas estava. Encontra-a.